As Aventuras de Amina al-Sirafi

AMOSTRA

AMOSTRA

As Aventuras de Amina al-Sirafi

S. A. Chakraborty

Tradução
Flavia de Lavor

AMOSTRA

MORROBRANCO
EDITORA

Constantinopla
Bagdá
Siraf
Jerusalém
Ormuz
Cairo
Golfo Pérsico
Mar Vermelho
Muscate
Meca
Salalah
Áden
Golfo de Áden
Socotra
Mogadíscio
Mombaça
Arquipélago de Lamu
Quilua
Sofala
Madagascar

Mapa do
GRANDE
OCEANO ÍNDICO
seus mares, costas
e arredores
CAMBAIA
SURATE
Mar
Arábico
CALICUTE
COSTA DO
MALABAR
SRI LANKA
MALDIVAS

Sumário

Dedicatória *9*
Nota da Autora *10*
Epígrafe *11*
Uma palavrinha sobre o que vem a seguir *12*
Capítulo 1 ..... *14*
Capítulo 2 ..... *22*
Carta de um Erudito *44*
Capítulo 3 ..... *46*
Uma missiva ao wali de Bassora *61*
Capítulo 4 ..... *63*
Capítulo 5 ..... *73*
Revelação dos truques usados por quem trabalha com entorpecentes e outras drogas estupefacientes 87
Capítulo 6 ..... *88*
Capítulo 7 ..... *99*
Trecho de um alerta sobre a costa do Malabar *108*
Capítulo 8 ..... *110*
Capítulo 9 ..... *116*
A primeira lenda da Lua de Sabá *129*
Capítulo 10 ..... *132*
Capítulo 11 ..... *150*
Um bilhete a Suleiman Batawiyna sobre o término do aprendizado de seu filho *156*
Capítulo 12 ..... *157*
Capítulo 13 ..... *171*
Seus habitantes são cristãos e feiticeiros *183*
Capítulo 14 ..... *184*
Capítulo 15 ..... *193*
Uma noite lamentável nas Maldivas *201*
Capítulo 16 ..... *213*

AMOSTRA

Capítulo 17.....224
Uma péssima decisão tomada pela ganância 240
Capítulo 18.....247
Capítulo 19.....267
Capítulo 20 275
A segunda lenda da Lua de Sabá 284
Capítulo 21 286
Capítulo 22 297
Capítulo 23 314
Capítulo 24 323
A terceira lenda da Lua de Sabá 328
Capítulo 25 330
Capítulo 26 336
Capítulo 27 344
Capítulo 28 350
É um bando de gente astuta e degenerada 364
Capítulo 29 365
Capítulo 30 377
Capítulo 31.....395
Capítulo 32 407
Capítulo 33 416
Capítulo 34 428
Existiu e não existiu uma nakhudha chamada Amina al-Sirafi.....432
Agradecimentos 436
Glossário.....438
Nota da autora e
leituras complementares.....441
Bibliografia..... 446
Sobre a Autora 447
Outras obras de S. A. Chakraborty..... 448

AMOSTRA

AS AVENTURAS DE AMINA AL-SIRAFI

Copyright © 2025 MORRO BRANCO
MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)
Copyright © 2023 Shannon Chakraborty
ISBN: 978-65-6099-035-7

Translated from original The Adventures of Amina al-Sirafi Copyright © 2023 Shannon Chakraborty . ISBN 9780062963505. Published by Harper Voyager. Translation rights arranged by Harper Voyager, an imprint of HaperCollins Publishers. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2024 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil — 1a Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil

C425a
1.ed. Chakraborty, S. A.
As aventuras de Amina al-Sirafi / S. A. Chakraborty ; tradução Flavia de Lavor. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.
448 p.; 14 x 21 cm.
ISBN 978-65-6099-035-7
Ficção norte-americana. I. Lavor, Flavia de.

II.Título.
12-2025/66CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
Ficção : Literatura norte-americana 813
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtor Editorial: Marlon Souza
Tradução: Flavia de Lavor
Copidesque: Isadora Prospero
Revisão: Luíza Thomaz
Diagramação: Tatiana Lopes
Mapa: Virginia Allyn

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:
ASSOCIADO

AMOSTRA

Dedicatória

Para todos os pais que criam seus filhos em meio às adversidades: durante pandemias, crises climáticas e sob ocupação. Para aqueles que se esforçam para colocar comida na mesa e conciliam vários empregos com o cuidado das crianças. Para todos que deixaram seus próprios sonhos de lado, por algum tempo ou para sempre, para estimular os da próxima geração.

AMOSTRA

Nota da Autora

De acordo com a época e o lugar em que este livro se passa, os cristãos latinos da Europa Ocidental são chamados de francos e os bizantinos de romanos. As sociedades islâmicas do litoral noroeste do oceano Índico do século XII tinham sua própria maneira criativa e fascinante de descrever a antiguidade, seus contemporâneos e o mundo em geral, e embora eu tenha tentado recriá-la aqui com a maior exatidão possível, esta é uma obra de ficção. Há um glossário com termos históricos e náuticos adicionais no final do livro, assim como sugestões para leitura complementar.

AMOSTRA

Epígrafe

Agarrei-me à tábua de madeira, meu único refúgio no mar agitado pela tempestade, e me repreendi, dizendo: "Simbá, o Marinheiro, será que nunca vai aprender? Depois de todas as suas viagens — a primeira e a segunda, a terceira e a quarta, a QUINTA, cada uma pior do que a outra! —, você jura por Deus que será penitente e desistirá delas. E toda vez mente, levado pela ganância e pela aventura, e volta para o mar. Então aceite o castigo que lhe espera, você mereceu!"

— De *A Sexta Viagem de Simbá, o Marinheiro*

AMOSTRA

Uma palavrinha sobre o que vem a seguir

Em nome de Deus, o Misericordioso, o Clemente. Bênçãos para Seu honrado Profeta Maomé, sua família e seus seguidores. Louvado seja Deus, que em Sua glória criou a terra e sua diversidade de territórios e idiomas, de povos e línguas. Nessas vastas maravilhas, tão numerosas que o olho humano é incapaz de contemplar mais do que uma fatia, não há prova de Sua Magnificência?

E por falar em maravilhas… vamos nos deliciar com as aventuras da nakhudha Amina al-Sirafi.

Sim! A *própria* capitã Amina al-Sirafi. A contrabandista, a pirata. A blasfemadora que os literatos acusam de servir corações humanos ao marido, o qual é uma fera marinha, e a feiticeira — e *só pode* ser uma feiticeira, pois nenhuma mulher conseguiria navegar um navio com tanta destreza sem o uso de magia proibida — cuja aparência tanto seduz quanto repele. Os comerciantes de nossas belas costas nos advertem a não dizer seu nome, como se ela fosse um djin que pudesse ser invocado como tal — embora, estranhamente, tenham poucos escrúpulos quando se trata de espalhar boatos maldosos sobre seu corpo e sua sexualidade: coisas que deixam os homens obcecados sempre que odeiam o que desejam e desejam o que não podem possuir.

Tenho certeza de que você já ouviu falar dela. Afinal, é tradição que os homens viajados de nossa ummah partilhem as maravilhas do mundo por meio de relatos de suas viagens — ainda mais quando tais viagens são animadas por fofocas sobre temíveis mulheres rebeldes. Muitos desses viajantes juram que seus relatos não foram escritos para atormentar ou entreter — Deus me livre! —, mas destinam-se, acima de tudo, a fortalecer o coração dos fiéis e a fornecer provas do esplendor prometido da criação de Deus. No entanto, enquanto muçulmanos, não devemos ser sinceros? Verificar o que é verdade e tomar cuidado com a propagação de mentiras?

E, minhas caras irmãs… quantas mentiras.

AMOSTRA

Pois este escriba leu muitos desses relatos e aprendeu mais uma lição: que ser mulher é ter sua história esquecida. Apagada. *Distorcida*. Nas lendas, as mulheres ou são as esposas adúlteras cuja traição provoca a sanha assassina do marido, ou as mães sofredoras que dão à luz os verdadeiros heróis. Os biógrafos ocultam as nuances de rainhas capazes e impiedosas para que sejam lembradas como santas, e os geógrafos aconselham os homens pios a não ir para lugares com histórias escandalosas de mulheres lascivas que se lançam ao mar e arrebatam os estrangeiros. Mulheres são as esposas esquecidas e as filhas anônimas. Amas de leite e criadas; ladras e prostitutas. Bruxas. Uma anedota excitante para contar aos amigos, ou um alerta.

Há muitas histórias caluniosas sobre Amina al-Sirafi. Dizem que ela era implacável demais. Ambiciosa, violenta, *totalmente* inapropriada e bem… velha! Uma *mãe*, se é que dá para acreditar! Ah, sim, certo grau de rebeldia é esperado nos jovens. Por isso temos histórias de princesas que buscam tesouros e de mulheres guerreiras com um final feliz. Mas espera-se que elas *acabem* — com o rapaz, o príncipe, o marinheiro, o aventureiro. O homem que tirará sua virgindade, lhe dará filhos, fará dela uma esposa. O homem que a definirá. *Ele* pode continuar sua epopeia — pode até arranjar outras esposas e ter mais filhos —, mas espera-se que as histórias das mulheres se dissolvam num nevoeiro de domesticidade… isso quando são contadas.

A história de Amina não acabou. Na verdade, a história de nenhuma mulher acaba. Este humilde escriba — ah, é melhor me apresentar: meu nome tem certa importância, mas por enquanto podem me chamar de Jamal. Jamal al-Hilli. Conheci avós que abriram novos negócios, rainhas idosas que travaram guerras de conquista e jovens mães que pegaram num lápis de desenho pela primeira vez. Na verdade, talvez só saibamos a história de Amina *porque* ela era mãe. Durante o tempo que passamos juntos, ela sempre falava da filha. E, embora possa ser uma suposição ousada… falava com a filha. Para que a filha pudesse entender as escolhas que sua mãe havia feito. Pois, quando decidiu deixar sua casa e voltar para a vida no mar, Amina se tornou mais do que uma pirata. Mais do que uma bruxa.

Ela se tornou uma lenda.

Esta história vai parecer inacreditável. As provas e documentos que puderam ser coletados são reproduzidos aqui, mas, em relação à nakhudha, este escriba achou melhor deixar Amina falar por si mesma. Resistir ao impulso de moldar e escolher suas palavras. Porém, por uma questão de honestidade, outra verdade será confessada. Suas aventuras não serão contadas apenas para fornecer prova das maravilhas de Deus.

E sim para entreter.

AMOSTRA

Capítulo 1

Deus é minha testemunha de que nada disso teria acontecido se não fossem aqueles dois idiotas em Salalah. Eles e seu mapa.

— O que foi? O que você quer dizer com "não é assim que se começa uma história"? Uma *biografia*? Está esperando uma biografia? Quem você acha que está descrevendo, o Grande Mufti de Meca? Meu povo não faz poesia sobre nossa linhagem como o seu. Sequer somos Sirafi de verdade. O pai do meu pai, um órfão que se tornou pirata em Omã, simplesmente achou o nome romântico. Você não acha?

Como eu estava dizendo: os idiotas e seu mapa. Enfim, entendo o apelo da caça ao tesouro, claro. Afinal de contas, construímos nossas casas sobre as ruínas de cidades perdidas e navegamos nossos navios sobre os palácios submersos de reis esquecidos. Todo mundo já ouviu uma história de como fulano ou sicrano desenterrou um pote de moedas sassânidas enquanto semeava os campos ou conheceu um mergulhador de pérolas que avistou hordas de esmeraldas brilhando no fundo do mar. Já me disseram que, no Egito, a caça ao tesouro é tão popular que seus participantes se organizaram em corporações profissionais, cada uma com seus truques particulares… embora, pelo preço certo, alguém *talvez* se disponha a lhe dar alguns conselhos. Talvez até se ofereça a lhe vender um mapa! Um guia para fortunas inimagináveis.

Os mapas são — e não há como enfatizar o bastante — extraordinariamente fáceis de falsificar. Posso até contar como é feito: você só precisa de um pedaço de pergaminho e um tempinho. Tônicos são aplicados para escurecer e amarelar o papel, embora, infelizmente, a maioria necessite de urina e os melhores sejam derivados da bílis de morcegos. O mapa em si deve ser traçado com cuidado, com detalhes suficientes para que algumas localizações geográficas sejam reconhecíveis (idealmente orientando o alvo na direção oposta à qual o cartógrafo pretende fugir).

AMOSTRA

Os símbolos podem pertencer a qualquer alfabeto. Muitos falsificadores preferem o hebraico por suas conotações místicas, mas, na minha opinião, o texto de uma antiga tumba de Sabá inspira letras mais misteriosas. Amasse a folha toda; desfie as bordas, queime alguns buracos; aplique uma fina camada de lixívia para desbotar a inscrição — e pronto. Seu mapa do "tesouro" está pronto para ser vendido a quem der mais.

O mapa que meus clientes traziam naquela noite não parecia ter sido vendido pelo lance mais alto. Embora tentassem esconder o documento junto com seu propósito — como se excursões noturnas a ruínas antigas fossem um pedido comum —, um vislumbre bastou para revelar que o mapa era um trabalho mediano, possivelmente o esboço de um jovem aspirante a criminoso.

Mas guardei tais opiniões para mim. O fato de terem me contratado para remar até ali foi uma bênção, um bico que arranjei enquanto pescava. Devo ter parecido uma excelente candidata para a missão: uma mulher solitária, já meio velha e provavelmente estúpida demais para se importar com o que eles estavam fazendo. Dei os devidos avisos, alertando-os de que diziam que as ruínas eram assombradas por ghouls e a lagoa, amaldiçoada por djins, mas os jovens me garantiram que sabiam cuidar de si mesmos. E, como eu já tinha passado muitas noites pescando naquela área sem encontrar sequer um sopro do sobrenatural, não estava exatamente preocupada.

— Como é que é? Os dois "parecem meio ingênuos"? Não se lembra de como nos conhecemos, seu hipócrita? Cale a boca e coma o ensopado. O saltah daqui é uma delícia e você só está um pouco mais roliço do que a caneta que tem nas mãos. Se me interromper mais uma vez, Jamal, pode procurar outra nakhudha para assediar atrás de histórias.

Enfim. De volta àquela noite. Apesar de tudo, era uma noite encantadora. As estrelas surgiram no céu, uma visão rara durante o khareef, a monção de verão que normalmente nos deixa envoltos pela neblina. A lua brilhava alto sobre o forte em ruínas do outro lado da lagoa; seus tijolos desmoronados eram tudo que restava de uma cidade há muito abandonada, que os locais diziam ter sido um movimentado porto comercial. Esta parte do mundo sempre foi rica; os romanos costumavam nos chamar de Arabia Felix, "Arábia Abençoada", por nosso acesso ao mar, rotas comerciais confiáveis e lucrativos bosques de olíbano. Os locais *também* dizem que o tesouro da cidade perdida — ainda repleto de ouro — está escondido sob as ruínas, soterrado durante um terremoto.

AMOSTRA